

Aspirações idas e vividas

AUSTREGESILO
DE ATHAYDE

Não pode haver bons alunos, senão por excepcional vocação, onde não há bons mestres para ensinar. Afirmiação primária, à altura das sínteses de Pacheco, mas certa e inquestionável. Muito se fala e escreve-se no Brasil de hoje sobre o assunto, pouco se faz, no entanto, para dar à escola brasileira a dignidade que lhe falta e tem sido objeto de quantos procuram contribuir para que o diploma profissional represente pelo menos um mínimo de garantia de que o seu portador durante o curso aprendeu alguma coisa que o ajude na vida prática. Sendo essa por esforço individual, e por fim, a melhor escola do seu aprendizado.

As sucessivas reformas do ensino complicam e não resolvem. No dia seguinte de sua promulgação, já estão obsoletas, por não corresponder à nossa realidade, tomando como espelho teorias e doutrinas boas onde nasceram lá fora, mas aqui inviáveis. Atrapalham e retardam muito mais do que servem e aproveitam.

Nos programas dos partidos políticos, sobretudo nas plataformas de aspirantes ao governo, o assunto do ensino ocupa espaço bem maior do que qualquer outro, com a promessa de empenho e realismo. Sem um exame pericial da situação específica do País, suas condições econômicas e sociais, a que sensatamente não devem estar alheias as reformas que costumam deformar o que antes se fazia, menos pela legislação do que por força de uma tradição, tão antiga quanto as escolas fundadas pelos padres jesuitas com os métodos de que se serviram para a formação da cultura de muitas gerações.

Em seu famoso parecer sobre o ensino primário, com as considerações eruditas na excelência do seu estilo, Ruy Barbosa traçou linhas que não perderam atualidade, com o relevo que dava ao preparo intelectual e moral dos mestres. A escola, continuidade do lar, o professor, cômico de sua efetiva participação no aperfeiçoamento da sociedade. O magistério, carreira de sacrifício, e não meio fácil de ganhar a vida. Essas, porém, são aspiraçõesidas e vividas.